

A avaliação na EaD: linguagem, texto e discurso: Alguns parâmetros para os cursos EaD da SEED/PR

Evaluation in Distance Education: language, text and discourse *Some criteria for distance education courses of SEED/PR*

Evaluación en la educación a distancia: lenguaje, texto y discurso *Algunos matices para los cursos en línea de la SEED/PR*

Ricardo Hiroyuki Shibata¹

Resumo: O artigo propõe examinar alguns parâmetros para a avaliação a serem utilizados nos cursos na modalidade EaD, a partir de aspectos linguísticos e discursivos, a saber: temática, coerência, coesão e modalidade. São matrizes relevantes, pois implicam pensar o letramento e a dinâmica da interação como competências/habilidades a serem desenvolvidas pelos profissionais da educação. Nesse sentido, é possível repensar todo o processo de expansão da EaD no contexto da SEED/PR (Secretaria da Educação do Paraná), conforme características de melhor qualificação pedagógica e institucional.

Palavras-chave: Educação a distância, avaliação, interação, letramento

Abstract: This article aims to examine some evaluation criteria to be used in the distance education according to linguistic and discursive aspects, which means: theme, coherence, coesion and discourse genre. This set of standards is important, because imply to consider the literacy and the interation dynamics as skills/abilities that should be developped by education workers. In this sense, it is possible to rethink all the expansion process of the distance Education in the context of SEED/PR (Secretary of Education, Paraná State) according to better qualification both pedagogical and institutional.

Keywords: Distance Education, evaluation, interation, literacy

Resumen: Este trabajo de investigación busca conocer algunos matices para la evaluación educativa en el contexto de la Educación a distancia, segundo problemas de tema, coherencia, cohesión y género del discurso. Lo que se puede decir es que esos parámetros conducen más cerca a el alfabetismo y a la dinamica de la interacción como competencias/habilidades centrales (pedagógicos y instittucionales) para los trabajadores de la educación pública (profesores, especialmente) de la SEED/PR.

Palabras clave: educación a distancia, evaluación, dialogismo, alfabetismo

¹ Assistente técnico-pedagógico da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR); Professor Adjunto do DELET/Unicentro (Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná). *E-mail:* rd.shibata@gmail.com.

Introdução

Nos últimos anos, os cursos na modalidade EaD, ofertados pela SEED/PR (Secretaria de Estado da Educação do Paraná) ganharam enorme relevância no contexto da formação/capacitação de docentes, pedagogos, gestores de escola e demais profissionais da educação (PARANÁ, 2010).

A despeito dos interesses particulares e opções políticas, ficou particularmente claro em determinado momento, em especial, no biênio 2013-2014, que alguns elementos eram determinantes para melhor qualificar essa expansão. Além daqueles de caráter administrativo, burocrático e tecnológico, também ficou claro que eram necessários alguns parâmetros de avaliação desses cursos, cuja função estratégica seria servir de instrumentos de qualificação pedagógica da postagem dos alunos. Nesse sentido, o que se buscava era um maior impacto educacional, com forte repercussão no fortalecimento de uma política – mais do que meras diretrizes – para a EaD.

O que se fazia necessário, então, era um conjunto de instruções e normas para que os alunos aprimorassem seus estudos. Isto iria orientá-los, de um lado, no aprendizado dos conteúdos, na realização nas tarefas e na elaboração das atividades, e, de outro, na aquisição de certas competências/habilidades básicas e fundamentais, sobretudo no que se referia ao letramento, quer dizer, nos procedimentos de leitura, interpretação e escrita, levando em consideração que o meio virtual (a medicação tecnológica) possuía suas especificidades.

A partir dessas coordenadas, foi consenso que havia um conjunto de categorias analíticas ou critérios sobre os quais deveria se assentar todo o processo de avaliação; entendendo aqui que a participação e a intervenção dos alunos em cursos EaD – além daquelas virtudes que compreendem a ética e polidez – se fundamenta, antes de tudo, em relevantes trocas linguísticas, em que a intencionalidade das postagens deve ser realizada conforme os objetivos do curso ofertado e de cada atividade de modo particular (SHIBATA, 2013; SHIBATA, 2014).

Parâmetros linguísticos, discursivos, textuais...

O primeiro desses critérios dizia respeito à **temática**. Ou seja, cada uma das atividades, em particular, contribui para atingir os objetivos do curso. Mesmo porque elas não se constituem em instrumentos de simples verificação de postagem. Pelo contrário, possuem aspectos pedagógicos relevantes que contribuem para o aprendizado.

Nesse sentido, a elaboração de todas as atividades deve levar em conta necessariamente o que se pede nos enunciados das tarefas, uma vez que todos os argumentos apresentados devem ser pertinentes ao assunto a ser desenvolvido e contribuir de alguma forma para a construção do conhecimento. Deve-se evitar, então, quaisquer argumentos ou reflexões que não estejam de acordo com a discussão proposta.

Não se trata apenas de verificar se a postagem do aluno tem a ver, em linhas gerais, com o que foi solicitado em cada tarefa/atividade especificamente. De fato, muitos alunos se esforçam por empreender uma hipótese de interpretação, porém, em termos particulares, a questão se torna problemática quando se analisa a argumentação em suas características mais peculiares. Quer dizer, o que se observa comumente é a falta sistemática de um elenco mais amplo de argumentos e seus respectivos desenvolvimentos ou ampliações.

Neste quesito, é frequente se deparar com a utilização de lugares-comuns, clichês de diversos tipos ou de conhecimento restrito de mundo. Se um curso EaD é ofertado tendo em vista a aquisição de um certo saber, esse saber deve se constituir, antes de tudo, em bases especializadas, reflexivas e críticas. Somente, a partir disso, é que se pode incorporar o trabalho do pensamento, da análise de dados e da interpretação autônoma.

Foi Michel Schneider, em seu estudo clássico, quem chamou a atenção para as enormes potencialidades da rede mundial de computador no mundo contemporâneo em correlação com a questão do plágio. Em nossa era de extremos, com acesso virtual a uma infinidade de informações, o sentido da apropriação pelo sujeito e a necessidade de estabelecer a autoria seriam demandas legítimas e recorrentes. Quer dizer, uma sociedade que pressiona os cidadãos para serem cada vez mais “singulares”, “originais” e “diferentes”, porém, que podem agir somente a partir de variações sobre modelos coletivamente aceitos (SCHNEIDER, 1990).

Esse universo compartilhado sinaliza que o plágio não pode ser reduzido ao problema dos direitos autorais ou do âmbito jurídico do direito de propriedade intelectual. Para mim, deve ser incorporado ao problema pedagógico do estatuto do letramento e dos modos de ser e pensar de uma determinada sociedade, cujo foco deveria se voltar para a cidadania e para a experiência educacional relevante.

O segundo critério era a **coerência**. Trata-se da relação lógica entre cada uma das ideias apresentadas, a adequação ao contexto e aos objetivos da tarefa (KOCH & TRAVAGLIA, 2010; DIJK, 1999). Como conceito, a coerência pode ser subdividida em itens: apresentar as

reflexões, relatos de prática docente ou profissional, conclusões e considerações, evitando o uso de lugares-comuns, repetição, cópia ou paráfrase de argumentos já apresentados; consistência: argumentar e fundamentar as ideias propostas, assegurando que exista uma sequência lógica das ideias apresentadas; n informatividade: apresentar ideias novas, soluções ou alternativas, sugestões, relatos de experiência profissional ou vivência pessoal, ou mesmo leituras diversas daquelas que estão disponibilizadas pelo curso.

O debate de ideias, a partir de pontos de vista diferentes, é sempre bem-vindo, porém deve haver argumentação pertinente e bem fundamentada. Mesmo porque as postagens devem enriquecer a discussão de alguma forma. Devem ser o resultado de pesquisa e reflexão sobre as informações levantadas, apresentando um determinado ponto de vista sobre o assunto discutido a partir das leituras, das pesquisas realizadas ou da própria vivência do aluno.

Se a coerência diz respeito ao âmbito da estruturação do pensamento e da organização das ideias, como terceiro critério de avaliação, a **coesão** trata das relações de significado (semânticas) e gramaticais no interior de um texto (CITELI, 1994; KOCH, 1992). Nesse item, deve-se observar: correção gramatical: observar as regras de gramática vigente (acentuação, ortografia, concordância, entre outros); relações e referências, isto é, verificar se há adequação entre as frases de um período e dos parágrafos entre si.

A sugestão é fazer a revisão do texto produzido; ler e reler o que se escreveu antes de fazer a postagem definitiva na plataforma do curso. A elaboração do texto deve ser realizada de modo criterioso, pois se deve lembrar que todas as postagens dos alunos são, de fato, para efeitos de certificação, um documento oficial, devendo ser mantido em arquivo ou banco de dados para comprovação de estudos.

Esses aspectos centrais da coesão textual obviamente não se encontram isolados, porque o texto assim como qualquer tipo de conhecimento não pode ser dividido cartesianamente em compartimentos estanques e incomunicáveis. Eles se articulam estrategicamente com os aspectos da coerência (organização e significação das frases) e da argumentação (relação entre cada uma das frases com a totalidade do discurso).

Mais ainda, significa dizer que os elementos linguísticos do texto e do discurso não podem, de forma alguma, ganhar autonomia e ser pensados a partir de um ou outro elemento em particular (FAITA, 1997). De fato, é o bom arranjo desse conjunto de

parâmetros que garante a eficácia da postagem. Além disso, participa ativamente, como utilização concreta da linguagem, no processo de interação subjacente à dinâmica da EaD.

A garantia dessa interação é dada justamente pela formulação correta de um texto que venha de encontro às solicitações de cada uma das atividades propostas e, por consequência, auxiliando na consecução dos objetivos do curso. Nesse sentido, a competência/habilidade da escrita se transforma em ação de um determinado sujeito que não é mero leitor ou executor de tarefas, mas, isto sim, de um aluno, que por meio de um processo linguístico sofisticado, é capaz de se constituir em verdadeiro agente do conhecimento, por meio de uma apropriação qualificada das informações e dos dados disponibilizados na plataforma do curso (SHIBATA, 2013).

Não se pode pensar em educação bancária e acumuladora ou mesmo em reprodução/repetição passiva, muito menos em plágio, sobretudo, em tempos de internet e o seu virtualmente infinito número de sites, com acesso fácil. Essas contrafações do aprendizado se reduzem tão-somente a uma falsa produção, em que não se estimula a busca da individualidade de um sujeito que almeja renovar o saber constituído e que possui intencionalidade e finalidade em suas proposições.

Outro item que se deve destacar é a **modalidade**, quer dizer, trata-se da adequação da linguagem ao tipo de texto a ser produzido. Nesse item, deve-se observar: o texto deve ter caráter dissertativo, em linguagem clara e direta (evitar as várias formas de coloquialismo; uso de gírias, termos eruditos, linguagem pseudo-científica; frases rebuscadas, excesso de figuras de linguagem); destacar a relação entre a informação e o seu contexto de produção; levar em conta a competência comunicativa na modalidade escrita;

Nesse caso, a competência central é a escolha acertada do mais adequado dispositivo do discurso a ser utilizado. É que essa adequação entre os registros da linguagem (os usos linguísticos do aluno em seu contexto cotidiano e coloquial) e o contexto de produção do curso (as matrizes e regras institucionais a serem respeitadas) torna-se estratégica, pois consegue estabelecer os limites mais precisos entre uma intimidade exacerbada e as demandas de um curso possui seus trâmites burocráticos e administrativos próprios (MAINGUENEAU, 2002, p.41-50).

O equívoco mais grave é pensar que a internet compreende apenas o registro oral da linguagem. Não é por acaso que comparecem com frequência postagens que tomam como modelo os emails particulares, as manifestações nas redes sociais e a trocas linguísticas entre

amigos próximos. Aqui, o uso de gírias e registros informais, fundamentados em coloquialismos que manifestam intimidade (até excessivamente) entre os interlocutores, são fenômenos muito comuns e amplamente compartilhados. Se isto cabe perfeitamente em situações informais em que o grau de descompromisso é alto, pouco vale em contextos com certo grau de institucionalidade e, portanto, de formalidade.

EaD: espaço de dialógico e intersubjetivo

Para mim, fica muito claro que os cursos EaD são, de fato e em essência, um espaço de intersubjetividade mais do que um espaço de interação. Neste, o foco é a manutenção do processo das variáveis do diálogo e da conversação. Naquele, os significados e os efeitos de sentido dos enunciados são concebidos em função da constituição de uma autoria, a apropriação de um certo saber ou conhecimento e a defesa de um determinado ponto de vista com os respectivos argumentos e provas.

Sendo assim, não basta alfabetização e seguir as regras gramaticais – essas capacidades mais gerais são condições preliminares para que um texto seja produzido –, é preciso, igualmente, levar em consideração que “os diferentes lugares sociais ocupados pelos sujeitos e as diferentes instituições em que as interações ocorrem são determinantes do trabalho executado pelos sujeitos na produção de seus discursos” (GERALDI, 1993, p.72).

Na EaD, a constituição dialógica caracteriza a própria forma singular dessa modalidade de ensino/educação com fortes implicações no processo de aprendizagem. Interfere, aqui, então, um aparato sofisticado que articula ferramentas, por exemplo, como as TICs, que se fundamentam não apenas na transmissão de informações ou no manejo instrumental dos recursos da língua. Requer, principalmente, a participação ativa dos sujeitos envolvidos e a apropriação crítica de outros códigos, signos e sistemas, estabelecendo uma comunidade ou projeto coletivo. Para dizer com Bakhtin (1990, p. 70-71):

Com efeito, é indispensável que o locutor e o ouvinte pertençam à mesma comunidade linguística, a uma sociedade claramente organizada. E mais, é indispensável que estes dois indivíduos estejam integrados na unicidade da situação social imediata, quer dizer, que tenham uma relação de pessoa para pessoa sobre um terreno bem definido. É apenas sobre este terreno preciso que a troca linguística se torna possível; um terreno de acordo ocasional não se presta a isso, mesmo que haja comunhão de espírito.

Além disso, o que se encontra, como se disse (e vale destacar esse aspecto), em muitas postagens, são as diversas formas de plágio e/ou falta de citação das fontes de pesquisa e consulta, quer seja realizado de modo parcial ou completo (KLEIMAN, 2004; GERALDI, 1993). Ao se inscrever em um curso de EaD, o aluno se compromete com um contrato pedagógico. Todas as postagens que realizar durante o curso devem ser de autoria própria e resultado de reflexão pessoal. O esforço é produzir um texto autoral, em que expresse sua capacidade de interagir com os conteúdos, conforme as orientações a seguir: prestar atenção aos textos pesquisados na internet, procurando sempre consultar fontes confiáveis e pesquisas de índole acadêmica e científica para garantir a veracidade e consistência das informações; materiais e pesquisas adicionais são ótimas alternativas para a complementação de estudos, desde que se apresente, de modo adequado, a autoria das fontes utilizadas. Lembrar-se que todas as citações e paráfrases precisam ser devidamente citadas nas referências do texto produzido pelo aluno, conforme as normas estabelecidas para o curso; as atividades devem ser reflexivas, críticas e fundamentadas, isto é, ao utilizar citações e paráfrases no texto, é fundamental articular o que está sendo apresentado com suas próprias ideias.

O que se deseja em um curso EaD, é que o aluno, quanto ao aspecto da autonomia, desenvolva um trabalho de pesquisa, pois não basta consultar apenas os materiais disponíveis na plataforma do curso. Eles são um bom ponto de partida. Porém, qualquer trabalho de estudo deve conter um tempo dedicado à pesquisa complementar. O aluno poderá encontrar muito material em sites especializados na internet ou nas bibliotecas (das escolas, do município etc.). Além disso, a EaD também incentiva os cursistas a consultar materiais de outra natureza (impressos, livros, entrevistas, dentre outros) (SHIBATA, 2014).

A sugestão é que o aluno, para melhor aproveitar as competências/habilidades ou os conteúdos do curso, organize as informações. É recomendável que se guarde, no computador, por exemplo, todas as postagens que se realizou durante o curso. Trata-se não apenas dos arquivos das tarefas ou as intervenções nos *fóruns*, mas também as postagens nas demais ferramentas do ambiente virtual de aprendizagem, questões encaminhadas ao tutor, notas de leitura, levantamento bibliográfico e outras observações. Fazer uma cópia de todas essas informações é uma medida de precaução importante, que pode evitar contratempos com a eventual perda de dados.

No mais, o que se observou, durante esse período de análise, foi a utilização indevida ou mesmo absolutamente incorreta das postagens na ferramenta fórum, cuja característica

fundamental é o debate de ideias a partir de um tema comum a todos os cursistas. A orientação é que as interações nos fóruns de discussão devem ser substanciais, evitando o excesso de brevidade, a mera paráfrase de postagens já realizadas, postagens que não condizem com o que foi solicitado, e leitura e interpretação equivocada quer das intervenções de outros alunos ou do tema a ser debatido.

Como se trata de uma ferramenta dedicada ao debate, com concordância ou discordância argumentativa, deve-se guardar sempre e em todos os casos a civilidade e a polidez nas interações. Num curso EaD, é justamente esse aspecto que guarda o caráter ético das relações que se estabelecem no ambiente virtual de aprendizagem. É que as postagens devem favorecer o objetivo colaborativo que norteia a dinâmica em cursos dessa modalidade.

Há ainda dois itens importantes a destacar, sobretudo porque, embora não se refiram à questão textual, dizem respeito à EaD como modalidade de ensino. O primeiro deles é respeitar os prazos das postagens. É fundamental cumprir o cronograma de postagens do curso. Um curso na modalidade a distância possibilita flexibilidade de estudo quanto ao tempo e ao espaço. De fato, isto significa que o aluno deve possuir organização e disciplina para o cumprimento dos prazos dispostos no cronograma.

Outro item refere-se ao uso das ferramentas e recursos tecnológicos de aprendizagem. A EaD é sempre uma forma de ensino e aprendizagem mediada de algum modo. Logo, o domínio das ferramentas de interação, na plataforma virtual, é um aspecto de grande importância. Obviamente, caso o aluno encontre alguma dificuldade no uso de determinada ferramenta, deve entrar em contato com seu tutor. Ele estará sempre pronto para auxiliá-lo.

Considerações Finais

Este processo de avaliação sinaliza o interesse com a qualidade na oferta de cursos para a formação/capacitação dos profissionais da educação no contexto particular da SEED/PR, sobretudo quando se ganha em escala em relação ao número de cursos ofertados e ao incremento na quantidade de alunos matriculados. De qualquer forma, trata-se de um trabalho em progresso constante, como se costuma dizer, que incorpora o caráter processual e diagnóstico.

Embora isso seja um grande avanço, não basta apenas estabelecer critérios de avaliação mais objetivos com os quais tutores e alunos possam trabalhar. Para pensar em perspectivas futuras, faltam, ainda, pois, criar mecanismos de avaliação dos materiais didáticos (quanto aos textos digitais disponibilizados na plataforma dos cursos, a relevância dos audiovisuais, a pertinência de links ou das referências bibliográficas etc.), dos profissionais que atuam na modalidade EaD (tutores, coordenadores administradores da plataforma Moodle e técnicos do site da Secretaria), dos proponentes dos cursos (coordenações, diretorias, departamentos) e fazer o acompanhamento dos alunos após a realização dos cursos – enfim, repensar, em seu aspecto de conjunto articulado e organizado, os moldes em que se apresentam os cursos EaD da SEED/PR (PARANÁ, 2010).

Porém, talvez, o desafio mais importante é que os procedimentos de avaliação sejam incorporados de modo institucional pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, transformando-se não apenas em um momento específico ao final dos cursos, mas que, pelo contrário, se realize de modo periódico, constante e massivo, em diversas instâncias.

A partir disso, seria possível fazer o tabelamento dos dados para levantamentos estatísticos, estudos e pesquisas, o que poderia gerar, por consequência, um debate interessante em termos didático-pedagógicos. Aqui, vale destacar que essa publicidade das informações acerca dos cursos é atividade democrática por excelência, em que o Estado permite conhecer quais as diretrizes educacionais que vêm empreendendo. Ou seja, equivale a reconhecer, em termos institucionais, que a formação continuada dos profissionais da educação é tarefa social e opção política de maior envergadura.

Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.

CITELI, A. **O texto argumentativo**. São Paulo: Scipione, 1994.

DIJK, T. V. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1999.

FAITA, D. A noção de “gênero discursivo” em Bakhtin: uma mudança de paradigma. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Unicamp, 1997, p. 159-175.

GERALDI, J. W. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martin Fontes, 1993.

KLEIMAN, A. **Oficina de Leitura**. Teoria e Prática. Campinas: Pontes, 2004.

KOCH, I. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

KOCH, I. V.; RAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1990.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Rio de Janeiro: Cortez, 2002.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Educação a Distância**. Curitiba: Seed, 2010.

SCHNEIDER, M. **Ladrões de palavras**: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

SHIBATA, R. H.. **Rede de relações**. Os procedimentos de leitura no hipertexto. *Ensaios Pedagógicos*, julho/2013, n.5, pp.21-35.

_____. Semântica das relações no hipertexto. **Revista Philologus**, v. 19, p. 10-25, 2014.

Recebido em: 5 de agosto de 2015

Aceito em: 2 janeiro de 2016